

BiblioCanto



Informativo bimestral da SEBLIM



“Posso todas as coisas nAquele que me fortalece”.

(Fp 4:13)



Juciara Galdino Coppieters

Servidora Requisitada

Nasci no dia 29 de janeiro de 1958, na cidade de Salvador. Filha de Hiddekel Galdino da Silva e Souza e Severina Rodrigues e Sousa. Somos 7 filhos, 4 homens e 3 mulheres. Todos têm nomes

indígenas: Ubirajara, Jussara, Ubiratan, Ajurimar, Yara, Juciara, Itamar. Nossa infância foi maravilhosa, com muitas brincadeiras de rua, como infelizmente não vemos mais hoje em dia. Morávamos na Garibaldi, família grande, muitos primos, todos moravam perto. Entre a nossa casa e o canal da Gabaldi, que chamávamos de vala, havia a chamada “roça do governo”, que era um terreno muito grande, onde brincávamos. Lá na roça, os escoteiros e as bandeirantes iam sempre acampar, e quando os víamos, corríamos a levar para eles açúcar e gelo, para o suco que eles faziam. Eles ficavam muito agradecidos.

A brincadeira favorita era de Tarzan e Jane: Amávamos atravessar da roça até o

quintal da nossa casa, passando por cima da vala, usando os cipós das árvores. Era uma diversão!! Ainda mais quando alguém escorregava e acabava caindo dentro da vala, como aconteceu com um de meus irmãos...

Outra diversão era passar por debaixo da cerca de arame farpado do jardim zoológico, para entrarmos sem pagar. Íamos a turma toda, meus irmãos, primos e os amigos da Garibaldi, pra mais de 15 crianças. Lá dentro, a brincadeira favorita era armar uma espécie de tobogã, feito com folhas de coqueiro, que ajeitávamos em um terreno com desnível e descíamos, escorregando. Quando chegava perto das 17h, saíamos esbaforidos, correndo de volta para casa, pois rezava a lenda que após esse horário, o leão começava a rugir muito alto e tínhamos medo que ele escapasse da jaula (nossa imaginação infantil ia longe...).

Amávamos colher as frutas do pé, como as mangas que comíamos com sal, e as pitangas das pitangueiras que ficavam no Alto da Ondina. Também íamos de manhã cedo catar cajá e jambo, junto com meu pai, e voltávamos pra casa com as sacolas cheias. Lembro que meu pai escondia as bananas embaixo da casa, num aposento que chamávamos de “loja”, e deixava as bananas lá trancadas, para que amadurecessem, porém a gente ia com um pedaço de pau e puxava as bananas pela fresta da janela, e comíamos tudo. Meu pai nunca chegava a ver uma banana madura, coitado!

Tínhamos um coqueiro no quintal, que não dava coco de jeito nenhum. Até que um dia, meus irmãos resolveram colocar fogo no coqueiro. Queimou um pouco,

mas apagaram logo. Depois disso, não é que o coqueiro começou a dar muito coco?!

Época de São João, fazíamos festa, com comidas típicas, muita música e dança, até plateia tinha, pra nos ver dançar a quadrilha. Uma amiga tocava acordeon, nós cantávamos, declamávamos versos. Meu pai enfeitava a casa com bandeirinhas e balõezinhos, ficava tudo lindo!

Aos 6 anos de idade, fomos morar no Rio de Janeiro, devido à transferência de meu pai, que trabalhava na rede ferroviária federal. Moramos lá até os 11 anos, e depois voltamos para Salvador, para a mesma casa. Foi uma festa o reencontro com meus primos e amigos da rua. Até hoje, temos o grupo dos amigos da Garibaldi, e sempre nos encontramos para relembrar os velhos tempos.

Fiz o primário na Escola Evaristo da Veiga, e o ginásio no Costa e Silva. No ensino médio, fui para o Central. Tenho muita saudade dessa época de estudante também, as lembranças são muitas, como as travessuras que fazíamos ao sair da escola a pé, enquanto pelo caminho íamos apertando as campainhas das casas e saindo correndo. Quando pegávamos o ônibus, a diversão era “traseirar”, só mesmo pela aventura, pelo gosto de traseirar. Economizávamos o dinheiro da passagem para comprar lanche. Uma vez, uma amiga que demorou a descer do ônibus foi pega pelos cabelos pelo cobrador, que bradou, muito contrariado: “volta aqui!”. Todo mundo desceu, e ela ficou lá para pagar a passagem. Depois, a gozação foi geral.

Também lembro dos banhos de bica, que tomávamos sempre que chovia.

Chegávamos em casa encharcados, dos pés à cabeça, inclusive os sapatos. Tudo era motivo de diversão e alegria!

Meu primeiro emprego foi no IBGE. Trabalhei com diversas pequisas, e fiz o censo de 1980, como coordenadora. Também trabalhei na biblioteca. Fui requisitada pelo TRE em 2004 e aqui fiquei até dezembro de 2005, lotada no almoxarifado. Logo depois, fui lotada no cartório da 11ª Zona. Voltei para o meu órgão e ficava vindo para ajudar nas eleições, até que em 2016 voltei de novo, ficando lotada na 15ª Zona. Em 2019 retornei para o IBGE, e em 2020 vim ajudar nas eleições por 6 meses. Atualmente estou lotada na 16ª ZE, desde agosto do ano passado.

Vivi tempos incríveis aqui, como o período em que fiz teatro com outros colegas. Participei da peça “O povo tem poder, quer ver?” Foi um sucesso, auditório lotado. Lembro muito também da semana do servidor público, quando fazíamos gincanas, tinha tantas atrações, uma vez encenamos o programa de calouros do Silvio Santos, algumas colegas dançaram, como Ana Amoedo que dançou um tango, outras colegas que imitaram As Frenéticas... um estagiário da biblioteca que se chamava Deivisson imitou o Silvio Santos, tão perfeito! Eu fui a Sônia Lima, pois me achavam parecida com ela. Tinha o Pedro de Lara, que não lembro quem foi, e a Araci de Almeida, interpretada por Salete. E por fim, Maurício Amaral como mestre de cerimônias. Esses eventos ficaram muito marcados na minha memória, pois foram momentos de muito entrosamento, alegria e descontração.

Conheci Antônio Fernando, meu marido, em 16 de janeiro de 1977, no último dia da festa do Bonfim. Tínhamos uma amiga em comum, e estávamos juntas curtindo a festa, quando nos sentamos na mesa em que ele estava. Até então, eu nunca tinha pensando em me casar, constituir família. Eu queria curtir a vida... mas quando me sentei ao lado de Antônio naquela barraca, no largo, ali no meio da festa, puxei meu banco pra junto dele e pensei: “Esse aí é meu!”. Começamos a namorar no mesmo dia. Nos casamos em 27 de junho de 1979 e vivemos felizes por 42 anos. Ele inclusive também era do IBGE e também trabalhou no TRE, a maior parte do tempo lotado na 11ª Zona (de 2010 até 2020). Faltando poucos dias para completarmos 43 anos de casamento, fiquei viúva repentinamente. A saudade é imensa, até hoje custo a crer... mas sei que vou encontrá-lo novamente.

Tivemos três filhos: Fernanda, hoje com 42 anos, Antônio Fernando Júnior, 39 anos, e Juliana, com 31. Também tenho uma neta por quem sou apaixonada, Maria Clara, de 21 anos.

Meu plano é me aposentar no TRE, pois além de ter sido tão bem acolhida aqui, e de querer muito bem a todos, ainda tem as lembranças de Fernando, que também foi muito feliz no Tribunal. Por tudo isso, sou só gratidão, pelos bons amigos que fiz e pelos bons momentos vividos aqui.

Gosto muito de me exercitar, malho todos os dias, das 5 às 6 da manhã, chova ou faça sol. Tenho ainda vontade de aprender a tocar violão, e viajar um pouco. São planos para a aposentadoria...

Sempre digo que sou grata a Deus por tudo que vivi, pois Ele sabe de todas as

coisas. Por isso prefiro não ficar lamentando pelo que acabou, e sim sorrir por ter acontecido! Esta filosofia que me ajuda a espantar a tristeza pra lá, quando a nostalgia aparece. É preciso não deixar a peteca cair, pois ainda tenho muito o que viver e muito pelo que me alegrar.

Há um versículo bíblico que diz: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”.

É exatamente assim que me sinto, sou filha do dono do mundo e com Ele eu posso tudo.



O Zé dos Mesários

*Camila Mendonça Carisio
Técnico Judiciário
TRE-MG*

Naquele ano de eleições, estávamos na loucura do último dia do prazo para os cidadãos solicitarem o alistamento eleitoral, a transferência ou a revisão do título de eleitor. Na fila, eram mais de cem pessoas, ou melhor, mais de cem brasileiros que deixaram para a última hora e que aguardavam para ser atendidos. O balcão do cartório eleitoral estava apinhado daqueles que, vitoriosos, após vencerem a fila, finalmente estavam sendo atendidos.

De repente, uma senhora saída do meio da multidão, chega ao balcão e me grita:

-Moça, cadê o Zé?

-Senhora, nós não temos nenhum Zé trabalhando aqui no cartório - respondo, interrompendo o atendimento que estava fazendo.

-Como não? – ela insiste.

Dou um sorriso e respondo:

-Bom, até onde eu sei, não trabalha nenhum Zé aqui.

-Mas está escrito ali, no cartaz pregado na parede. É o Zé dos mesários.

Entendo menos ainda o que ela está falando. Penso comigo: “Gente, que cartaz é esse? Que Zé é esse?”. O eleitor que aguardava o término do atendimento, intrigado com a situação,

acenou discretamente com o olhar, dizendo que eu poderia dar atenção a ela. Então, eu sugiro:

-Mostra pra mim esse cartaz porque agora sou eu é quem está curiosa para saber que é esse Zé!

Saí detrás do balcão, e, no aperto da multidão que inundava a entrada do cartório, conseguimos chegar até a parede onde o tal cartaz estava afixado.

Ela apontou a informação escrita e eu, quando entendi toda a situação, tive que encontrar forças do fundo da minha alma para não explodir na gargalhada. Respirei fundo e expliquei, com jogo de cintura:

- Ah! É esse o famoso “Zé”? Na verdade, essa é a abreviação de “Zona Eleitoral”.

Não tinha espaço no cartaz e foi necessário escrever “ZE”. A senhora está interessada em trabalhar como mesária voluntária? Vamos fazer a sua inscrição agora!

Ela preencheu o formulário e eu voltei para o atendimento, feliz por ter solucionado o mistério do Zé.

Desde então, nunca mais consegui usar essa abreviação sem pensar no “Zé dos mesários”, ou melhor, “ZE dos mesários”. E, lição aprendida, não mais produzi nada para o público externo que tivesse “ZE”. Gastava mais espaço no papel, mas não corria o risco de aparecerem outros “Zés” no cartório.



LEI DO ESFORÇO INVERSO: POR QUE ÀS VEZES FRACASSAMOS QUANDO NOS ESFORÇAMOS DEMAIS



“Às vezes, quanto mais tentamos, pior fica”. (Aldous Huxley). Imagem: Getty Images

“Quando a imaginação e a força de vontade estão em conflito, são antagônicas, é sempre a imaginação que vence, sem exceção.”

Foi assim que o psicólogo francês Émile Coué explicou o que o intelectual e escritor Aldous Huxley chamou de Lei do Esforço Inverso.

Se a bela frase de Coué te confundiu, pense na areia movediça. É uma superfície que parece sólida, mas quando você pisa nela, se separa em água e areia e faz o corpo afundar — sair dela exige uma força enorme.

Muitos de nós só vimos isso em filmes ou quadrinhos, quando personagens são engolidos enquanto tentam desesperadamente evitar a morte por afundamento e sufocamento na areia.

É aí que reside o erro — e a razão pela qual as areias movediças são uma boa analogia.

A maneira de evitar ser engolido pela areia movediça é não se esforçar tanto: pare de lutar e vá deitando-se com calma para que o peso seja distribuído e a pressão diminua. Isso permitirá que você rasteje até um local de segurança.

Algo semelhante deve ser feito quando você não consegue adormecer, ou tem um ataque de riso em um momento inconveniente, ou não consegue se lembrar de algo: em vez de se forçar a tentar fazer o que não consegue, relaxe e faça (ou pense) em outra coisa.

Isso porque, embora possa parecer contraditório, às vezes fracassamos porque nos esforçamos demais.

Isso não significa que você nunca tenha que fazer nada, ou que sempre tenha que

ter uma atitude passiva diante da vida — mas, às vezes, quanto mais você tenta melhorar algo através da força de vontade, mais piora a situação.

O escritor Liev Tolstói ilustrou o conceito em seu livro *Anna Karenina*, quando descreve o momento em que o proprietário de terras Konstantin Levin encontra harmonia no cultivo da terra trabalhando junto com os camponeses:

"Começou a ocorrer uma mudança no trabalho que o enchia de prazer. No meio do trabalho havia momentos em que ele se esquecia do que estava fazendo e trabalhava sem esforço, e nesses mesmos momentos sua fileira era tão bem cortada quanto a de Tit."

"Mas assim que se lembrava do que estava fazendo e tentava fazer melhor, sentia o peso do esforço e tudo resultava pior."

Os taoístas chamam algo semelhante de “wu wei”, que pode ser traduzido como “ação sem esforço”.

Em linhas gerais, a ideia é que quando paramos de lutar e aprendemos a esperar e observar, vemos com mais clareza que existem forças externas que nos superam e às vezes temos que seguir o fluxo e só agir no momento certo e com as medidas corretas para chegar ao destino desejado.

Ao agir precipitadamente, cada passo é um erro potencial, e a emoção e o ego podem acabar guiando as decisões mais do que a razão.

Fazer ou não fazer

Segundo Aldous Huxley, que deu nome à lei, "a expertise e seus resultados só são alcançados por aqueles que aprenderam a arte paradoxal de fazer e não fazer".

A lei do esforço inverso é inestimável nos momentos em que você não para de se mover, mas não avança — pelo menos não na direção desejada.

Isso pode levar a um ciclo vicioso em que você se sente mal por não ter feito o suficiente, se esforça ainda mais e se força a continuar.

Mas, alertam os psicólogos, essa pressão só serve para aumentar o estresse e bloquear o caminho.

Pesquisas sobre produtividade no trabalho, por exemplo, mostram que somos verdadeiramente produtivos apenas durante as primeiras quatro ou cinco horas de cada dia de trabalho.

Depois, há uma queda considerável no desempenho, ao ponto de a diferença entre trabalhar 12 e 16 horas ser praticamente inexistente. O que se produz nada mais é do que cansaço mental e físico.

Mas não se confunda: a lei do esforço inverso não é sinônimo de resignação, nem convida à passividade, à apatia ou à mediocridade.

Pelo contrário, incentiva a reflexão e nos motiva a parar, avaliar as circunstâncias e assumir a melhor atitude possível.

Ela ajuda a reduzir o estresse em qualquer um dos dias ou períodos da sua vida pessoal ou profissional em que parece não haver nada além de pressão.

Ficar obcecado com tudo o que precisa ser feito ou com as coisas ruins que podem acontecer não ajuda, mas tomar distância psicológica e dar-se tempo para respirar significa uma forma de ajuda.

À medida que começamos a relaxar, também permitimos que outras faculdades venham à tona, como a intuição. Assim aprendemos a discernir quando é melhor agir e quando é melhor esperar. Quando é melhor continuar e quando é melhor parar. E acima de tudo, protegemos nossa saúde e equilíbrio ao longo do caminho.

Fonte: terra.com.br

**Se o plano não funcionar,
mude o plano, não o sonho.**



@willcarvalho_ofc

Curiosidades

COMO SURTIU A EXPRESSÃO DOR DE COTOVELO?



Imagem: Freepick

Ao revisitarmos a história do samba, vemos que grandes nomes que fizeram parte da trajetória do gênero compuseram letras em que o amor era tematizado. Em geral, as relações amorosas eram pintadas por uma frustração ou infortúnio que impedia a consumação de uma relação bem sucedida. De acordo com alguns biógrafos do samba, a tal desilusão amorosa cantada, muitas vezes, se apresentava como uma extensão das decepções experimentadas na própria vida do compositor.

Lupicínio Rodrigues, famoso compositor gaúcho, foi um dos mais reconhecidos autores desse tipo de letra melancólica. Em muitas delas, dizia que o bar era o lugar ideal para curar os descaminhos da vida afetiva. Na canção “Taberna”, por exemplo, ele constrói um curioso eu-lírico que passou o dia inteiro

no bar observando o movimento da freguesia e esquecendo a ingratidão dirigida à amada entre cada um dos tragos ingeridos.

Apesar de não ser possível apontá-lo como o autor da expressão, foi Lupicínio que cumpriu a função estética de popularizar a lenda “dor de cotovelo”. A alegoria que dá sentido ao termo faz justa alusão a quem encosta-se ao balcão de um bar para esquecer o amor perdido e se embriagar. Seguindo a explicação, de tanto ficar recostado no balcão, em completa inapetência, aquele que já sofre por amor acaba “contraindo” uma terrível dor de cotovelo.

Sendo amante de várias mulheres e, por isso, vivendo muitas decepções no campo sentimental, Lupicínio chegou a desenvolver uma teoria sobre a dor de cotovelo. A dor de cotovelo federal era aquela que só poderia ser curada com embriaguez total. Já a dor de cotovelo estadual era suportável e com o passar do tempo tudo se ajeitava. Por fim, havia a modalidade municipal da dor de cotovelo, que não poderia nem mesmo servir de inspiração para um samba.

Por Rainer Sousa

Graduado em História

Alwissaras!



MENINO DE 13 ANOS DOA CABELO À MÃE E VIRALIZA NA WEB



Foto: reprodução / Instagram @carolcalligaris

Um adolescente de apenas 13 anos chamado Joaquim comoveu a web ao tomar uma atitude surpreendente e muito inspiradora. Após testemunhar a tristeza que sua mãe vinha sentindo devido à perda de seus cabelos, causada por uma doença autoimune, o menino teve a ideia de devolver a ela o sorriso e a alegria. “Vou deixar o meu cabelo crescer, pois você vai ter os meus”, disse o garoto para Ana Carolina Calligaris.

A espera durou 4 anos, que foi o período necessário para os cabelos de Joaquim crescerem. A cada mês a ansiedade do menino aumentava, até que os fios atingiram o tamanho de 70 centímetros, sinalizando a

chegada do momento tão aguardado. Ana Carolina registrou em vídeo o processo do corte e também a emocionante reação de Joaquim ao vê-la usando pela primeira vez o *megahair*. É impossível não se emocionar com as lágrimas de felicidade e o abraço amoroso entre mãe e filho.

As imagens comoveram mais de 11 milhões de internautas, e o gesto inspirador certamente fortaleceu ainda mais o vínculo entre Joaquim e sua orgulhosa mamãe, que declarou ter se sentido muito amada e protegida. Agora, a história deles está marcada com esse capítulo cheio de emoção e muito cuidado compartilhado.



UM MUNDO LINDO

Marina Colasanti



Imagem: Hawaii DLNR

Morreu o último caracol da Polinésia. Havia um caracol da Polinésia, um caracol de árvore, e nenhum outro. Era o último. E morreu. Morreu de quê? Ninguém sabe me dizer. O jornal não acha importante revelar a causa mortis de um caracol da Polinésia. Notícia apenas que com ele extinguiu-se a sua espécie. Ninguém nunca mais verá em lugar algum, nem mesmo na Polinésia, um polinesiano caracol.

Pois eu ousou dizer que sei o que foi que o matou. Ele morreu de ser o último. Morreu de sua extrema solidão. Sua vida não era acelerada, nada capaz de causar-lhe stress, mas era dinâmica; ao longo de um ano, graças a esforços e determinação e impulso fornecido pela própria natureza, o molusco lograva

deslocar-se cerca de setenta centímetros. Mais, teria sido uma temeridade. Assim mesmo, de que adiantavam esses setenta centímetros suados, batalhados dia a dia, sem ninguém para medi-los, sem nenhum parente amigo companheiro que lhe dissesse, você hoje bateu sua marca? Sem ninguém para esperá-lo na chegada?

O último caracol da Polinésia olhava ao redor e não via ninguém. Ali estava, frequentemente, seu tratador – o caracol vivia no Zoológico de Londres – mas o tratador não era ninguém, o tratador era qualquer coisa menos importante que o tronco sobre o qual o caracol se deslocava, o tratador era de outra espécie. E via, sim, de vez em quando via os pesquisadores que o examinavam, olho agigantado pela lente. Mas os pesquisadores não tinham uma concha rosada cobrindo-lhes as costas. Os pesquisadores também não eram ninguém. Então o caracol da Polinésia olhava o mundo, e o mundo estava vazio. E como pode alguém viver, como pode alguém querer viver num mundo esvaziado de seus semelhantes?

Seguramente ele era muito bem tratado no Zoológico, comida não havia de lhe faltar – o que come, comia, um caracol da Polinésia? – e de dia e de noite estava livre de predadores. Seus antepassados, talvez ele mesmo na infância, tinham tido que lutar pela sobrevivência. E a vida era dura. Mas lutavam em companhia. Quando um deles era esmagado – quantos caracóis são esmagados mesmo na Polinésia! – outros lamentavam sua sorte. Quando um deles se atrasava em sua marcha – é tão fácil a um caracol se atrasar – outros esperavam

por ele. Havia sempre companheiros. E o mundo, povoado de companheiros, era lindo.

Mas os outros, os outros todos foram acabando aos poucos, vítimas do único predador disposto a transformar suas conchas em objetos turísticos. E o último caracol da Polinésia, cansado de ser o último, cansado de ser tão só, deixou-se pisar pela Morte que passava apressada, certo talvez de poder renascer em algum mundo lindo, em que milhares de ovos de caracol preparam-se para eclodir.



AURORA

*Antes do nascer do Sol
É a Aurora quem reluz,
Principiando a manhã,
Entregando a sua luz.
E o encanto que me traz
Faz meu canto ser bem mais
do que a emoção traduz.*

*Do aconchego desse ninho,
Basta me chamar agora;
Já chego, devagarinho,
para aproveitar a hora*

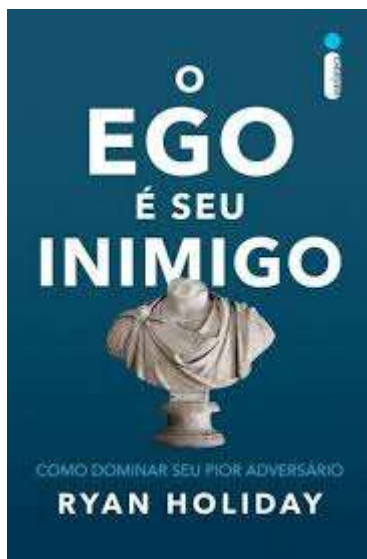
*de receber o carinho
em seus braços, minha Aurora.*

*Ilumine o meu caminho,
para que eu possa dizer:
“Nunca me senti sozinho
após encontrar você”.*

*Entre, o Sol já vai se pôr
e resguarde nosso amor
Para um novo amanhecer.*

João Evódio Silva Cesário

SEBLIM INDICA



Ele arruinou a carreira de gênios promissores. Mandou pelos ares grandes fortunas e destruiu empresas. Tornou as adversidades insuportáveis e transformou esforço em vergonha. Seu nome? Ego. O ego é um adversário interno citado por quase todos os grandes filósofos da história, em incontáveis obras de arte, de todas as culturas e todos os tempos. E agora vamos aprender a destruí-lo, antes que ele destrua você.

Em *O ego é seu inimigo*, Ryan Holiday apresenta exemplos reais e inspiradores de pessoas comuns que dominaram o ego, chegaram aos mais altos níveis de poder e sucesso e se tornaram lendas — não pela fama, mas pelo trabalho e legado. Ao perceber a influência negativa do ego e combatê-lo, você será capaz de viver melhor e conquistar resultados mais expressivos. As estratégias e táticas desenvolvidas por essas figuras fascinantes vão ajudá-lo a vencer esse inimigo tão poderoso que nos desafia todos os dias.

Livro de Cabeceira



Maus é um quadrinho publicado entre os anos 1980 e 1990 pelo cartunista Art Spiegelman, que retrata a vida de seus pais durante o Holocausto e o período em que estiveram na prisão de Auschwitz.

Para mim, um grande diferencial da história é que o artista mostra mais do que fatos já conhecidos sobre o Holocausto, trazendo os impactos da guerra na vida de seus pais e na sua própria vida tantos anos depois, ao mesmo tempo em que retrata as conversas com o seu pai e o processo de finalmente conhecer e compreender quem ele realmente é.

Indico principalmente pela escolha de abordagem do autor de mostrar além dos impactos mais comentados de uma guerra, trazendo de forma crua os traumas geracionais que ele próprio vivenciou.

Maíra de Souza Lima

Estagiária da SEBLIM



BiblioCanto

Salvador, nº 19, jan / fev 2024

Disponível também em: <https://www.tre-ba.jus.br/o-tre/biblioteca/informativos/sintse>

Edição e redação: Kátia Cristina I. G. da Costa

Revisão: Maria da Salete Saraiva

Supervisão geral: Osnir Mendes Madureira

Coordenadora de Gestão da Informação, Documentação e Memória: Lia Mônica Borges
Peres Freire de Carvalho

Secretário de Gestão Administrativa e de Serviços: Antônio Moisés Almeida Braga

BiblioCanto / Tribunal Regional Eleitoral da Bahia

Seção de Biblioteca, Memória e Arquivo – nº 19, jan / fev 2024 - Salvador: TRE, 2024-
Bimestral

1. Justiça Eleitoral – Periódicos. 2. Justiça Eleitoral – História 3. Literatura